

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## A CARTOGRAFIA SOCIAL COMO UM INSTRUMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE UM QUILOMBO NO NORDESTE BRASILEIRO

Márcia Regina Galvão de Almeida<sup>1</sup>

Elaine Ferreira do Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

Com o presente artigo busca-se conhecer os diversos marcadores identitários que assinalam e constituem diferentes formas de territorialidades existentes no Quilombo Marinheiro. A Cartografia Social vem como meio de reafirmar um local e uma cultura, além de servir de auxílio e consolidação de espaços e áreas que venham a ser conhecidos por quilombolas dentro de sua realidade. Nesse sentido, os quilombos brasileiros, no decorrer da história do país, formaram distintas configurações de identidade e de vida social a partir de suas relações com outros grupos sociais que viviam em contextos similares aos seus. A metodologia adotada foi a nova cartografia social que possibilita a compreensão dos diferentes processos de territorialização que desenharam o território do Quilombo Marinheiro a partir de sua construção identitária.

**Palavras-chave:** Nova Cartografia Social. Identidade Quilombola. Políticas Públicas.

### ABSTRACT

This article seeks to know the different identity markers that mark and constitute different forms of existing territorialities in Quilombo Marinheiro. Social Cartography comes as a means of reaffirming a place and a culture, in addition to serving as an aid and consolidation of spaces and areas that come to be known by quilombolas within their reality. In this sense, the Brazilian quilombos, throughout the country's history, formed different configurations of identity and social life based on their relationships with other social groups that lived in contexts similar to theirs. The methodology adopted was the new social cartography that enables the understanding of the different processes of territorialization that designed the territory of Quilombo Marinheiro from its identity construction.

### Keywords:

New Social Cartography. Quilombola identity. Public policy.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí-UFPI; Doutoranda em Políticas Públicas - PPGPP/UFPI; galvaomarcia81@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Piauí-UFPI; Doutora em Ciências - Saúde Pública-IFF/ FIOCRUZ/PI [negraelaine@gmail.com](mailto:negraelaine@gmail.com)

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o país mais africano fora de África, justificado pelas presenças de pessoas sequestradas, durante o tráfico negreiro, e, que nesta terra fixaram raízes. A população brasileira, principalmente negra e mestiça revela isso, tal como nossa cultura e nossos valores civilizatórios. Nosso território também revela estas presenças, de forma que o Brasil é terra quilombola e indígena.

Este trabalho faz parte de um tema abordado na pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí - PPGPP/UFPI, concluída em 2022, intitulada TERRITÓRIO, ANCESTRALIDADE E TITULAÇÃO: o caso da Comunidade Quilombola Marinheiro de Piripiri - PI.

O principal objetivo desse artigo é compreender, a partir da cartografia social, os diferentes marcadores identitários que determinam e constituem formas de territorialidade no quilombo Marinheiro, haja vista, ao longo da história do Brasil, as comunidades quilombolas construíram diferentes formas de vida social e identidades, dependendo muito da sua interação com outros grupos sociais que estavam em seus contextos.

Assim, para alcançar esses objetivos, adota-se como metodologia a nova cartografia social, que será mais bem explanada a seguir, mas que possibilita a compreensão dos diferentes processos de territorialização que formaram o território da comunidade quilombola Marinheiro a partir de sua construção identitária.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento desse estudo está dividido em três momentos, os quais versaram sobre a identidade étnica que consolida esses quilombos como grupos organizados e como a nova cartografia social permite a compreensão dessas formas de territorialização. Em seguida, serão apresentados os marcadores identitários específicos do quilombo Marinheiro, como a religião, a política e a resistência frente a opressão estatal e privada. Por fim, o terceiro tópico do desenvolvimento tratará da falta de políticas públicas que assolam o desenvolvimento da comunidade, desrespeitando o que está assegurado constitucionalmente.

### PROMOÇÃO



### APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 2 AS IDENTIDADES, OS TERRITÓRIOS E A NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL

É importante que se entenda o quão relevante é compreender os marcadores identitários de um povo a fim de verificar suas formas de territorialidade. Dessa forma, os quilombos podem ser caracterizados como grupos étnicos, que segundo Oliveira (1976), após fazer uma releitura da obra de Frederick Barth (1969), podem ser definidos como uma forma de organização social, pois:

Sublinha Barth que, concentrando-nos no que é socialmente efetivo, podemos ver os grupos étnicos como uma forma de organização social, sendo que o aspecto crítico da definição passa a ser aquele que se relaciona diretamente com a identificação étnica, a saber a característica de auto atribuição e atribuição por outros. Na medida que os agentes se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e os outros para os propósitos de interação, eles formam grupos étnicos em seu sentido de organização (OLIVEIRA, 1976, p. ¾).

Esse processo de identificação acontece porque a noção de identidade, para esse autor, tem duas dimensões, que estão inter-relacionadas, que são as identidades individuais e as identidades sociais. Elas devem ser compreendidas a partir dos mecanismos de identificação e, em síntese, “a identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (OLIVEIRA, 1976, p. 5).

É relevante destacar que nas relações interétnicas a identidade surge como um sistema contrastivo de oposições, sendo, melhor refletir sobre o processo de identificação étnica a partir da ideia de identidade contrastiva:

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i é, a base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defronta. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada. Nesse sentido, o etnocentrismo, como sistema de representações, é a comprovação empírica da emergência da identidade étnica em seu estado mais “primitivo” - se assim podemos nos expressar. Através dos “nossos valores” não julgamos apenas os outros, mas os outros (OLIVEIRA, 1976, p. 6).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Em outro nível, possibilita compreender as distintas formas de territorialidades que marca a identidade desses quilombos, isso porque, cada quilombo tem características étnicas diferentes, moldadas a partir dos contatos interétnicos de seus contextos, pois:

O território é, na sua essência, um fator espacial e social; secularmente atrelado a uma dimensão política; permeado de identidade; possível de categorização e de dimensionamento e onde estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, do grupo ou da comunidade. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma autoafirmação política-social-econômica-territorial (SILVA, CARNEIRO, 2016, p. 298).

Nessa perspectiva, para entender a constituição da identidade e do território da Comunidade Quilombola Marinheiro é necessário que se reflita sobre uma teoria chave para apreender as formas de territorialidade que surgem na comunidade, que é a nova cartografia social. A cartografia tem diversas ramificações e, duas dessas perspectivas, devem ser desenvolvidas nesse início para que se compreenda como a cartografia é usada na análise sobre a Comunidade Marinheiro.

Algumas diferenças entre a cartografia tradicional e a cartografia social podem elucidar nossa perspectiva sobre a nova cartografia social. Na tradicional, ela é usada como uma ferramenta que, na maioria das vezes, está sob o domínio do Estado e de organizações nacionais e internacionais de controle, pois “tem relação direta com a confecção dos mapas, que está saindo das mãos dos especialistas” (NETO, PAULINO, RINEIRO, 2016, p. 62) e a favor de um interesse da elite. Pois, é um instrumento de afirmação de poder e controle social, pois os mapas que conduzem a discursos que não são imparciais.

Todavia, “nos últimos anos, a cartografia tem escapado ao controle das poderosas elites que exerceram a dominação sobre ela por várias centenas de anos” (CRAMPTON, KRYGIER, 2008, p. 85), especialmente pelo:

[...] o surgimento de novos softwares de mapeamento que apresentam um conjunto de ferramentas cooperativas livres, aplicações de mapeamento

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



móvel, e geodenominação que podem ser utilizados para a construção de outras cartografias (NETO, PAULINO, RINEIRO, 2016, p. 62).

A cartografia social é um instrumento utilizado para compreender as diferentes formas de territorialidade e constituição do espaço. O processo feito pelas comunidades resulta num retrato mais fiel da comunidade, trazendo um olhar de quem realmente compreende aquela realidade e os espaços usados pela população, criando, assim, em conjunto de especialistas, mapas sociais de suas comunidades, como apontam Costa, Gorayeb, Paulino, Sales e Silva (2016):

A Cartografia Social atualmente é vista como uma nova ferramenta utilizada no planejamento e na transformação social, sendo fundamentada na investigação-ação-participativa e desenvolvimento local. Os grupos sociais são os autores dos mapas, todo o processo de representação e construção de conhecimentos territoriais e feito em coletividade. Este artigo objetiva apresentar um conjunto de reflexões teórico-metodológicas acerca das possibilidades de organizar mapeamentos participativos (COSTA; GORAYEB; PAULINO; SALES; SILVA, 2016, p. 1).

Os mapas sociais, também conhecidos como mapas participativos ou mapas colaborativos, são utilizados como ferramenta para validar os direitos desses grupos frente aos empreendimentos que violam e descumprem leis que delimitam áreas de comunidades tradicionais, a título de exemplo, os ribeirinhos, extrativistas, indígenas, quilombolas, agricultores familiares, dentre diversos outros.

No entanto, nosso objetivo não é criar mapas detalhados com pontos cardeais delimitados pela comunidade, o que se pretende nesse artigo é compreender de maneira descritiva a pluralidade de formas de ocupação do espaço e do tempo que ocorreu no processo de constituição do território da comunidade Marinheiro a partir de seus marcadores identitários. Portanto, a perspectiva cartográfica aqui desenvolvida descritivamente é a da Nova Cartografia Social, sendo que:

[...] a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas experimentações fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas [...] Essa descrição de pretensão plural compreende práticas de trabalho de campo e relações em planos sociais diversos, que envolvem múltiplos agentes, os quais contribuiriam à descrição com suas narrativas míticas, suas sequências cerimoniais, suas modalidades próprias de uso dos recursos naturais e seus atos e modos intrínsecos de

PROMOÇÃO



APOIO



percepção de categorias (tempo, espaço, lugar) e objetos (ALMEIDA, 2018, p. 58).

O mapeamento da comunidade Marinheiro foi realizado pela antropóloga Leslye Ursini do Instituto de Terras do Piauí (INTERPI) em conjunto com a comunidade, por meio de uma cartografia social, sendo apresentado no Relatório Histórico Social e de Consulta Prévia à titulação coletiva (2021). Observa-se que nesse mapa existe um relatório que é composto de uma série de coordenadas que foram delimitadas pela presidente da Associação dos Trabalhadores (as) Rurais do Quilombo Marinheiro acompanhada pelos técnicos do INTERPI.

O relatório ainda identifica vários espaços que consolidam a narrativa de que a comunidade Marinheiro está assentada naquela área há muito tempo. Nesse contexto, acredita-se aqui, que também é relevante aprofundar os conhecimentos nas narrativas e nas observações feitas pela autora, para compreender de maneira mais aprofundada como aconteceu a constituição da identidade e do território da Comunidade Quilombola Marinheiro.

### 3 A NARRATIVA DO CHÃO, DA ÁGUA E DO AR: TUDO POTÊNCIA E RESISTÊNCIA QUILOMBAR

A história da comunidade é contada, pelos próprios moradores, em que as narrativas salientam que: Duas pessoas, que são irmãos, contam que seu avô, finado José Rosa do Nascimento chegou e se estabeleceu na Comunidade Marinheiro (que fica localizada na cidade de Piri-piri, região norte do Estado do Piauí, nordeste brasileiro), vindo da região de Olho d'Água, junto com sua esposa, Izabel Maria da Conceição, no entanto, José Rosa era oriundo do Estado do Maranhão.

De acordo com um dos entrevistados, seu ancestral comprou uma casa com um terreno de 20 hectares de uma família local que ficava localizada em cima de um morro e a comunidade cresceu em número populacional e, demograficamente, a partir dos casamentos realizados entre suas filhas e filhos com pessoas de comunidades próximas ao Marinheiro, como, Encostado, Faveira, Pé do Morro e Olho D'água.

#### PROMOÇÃO



#### APOIO





As relações com às comunidades vizinhas se davam em várias esferas da vida social, como na religião, na cultura, na economia, e demonstra que as comunidades já sabiam a extensão de seus territórios e conseguiam diferenciar os habitantes, em habitantes de um ou não de determinado lugar, fora isso criavam laços de parentesco que estavam distribuídos dentro dessas comunidades.

A título de exemplo, a mãe de um dos entrevistados era a única filha do casal José Rosa e Isabel Maria que morava fora da comunidade, ou seja, na Comunidade Encostado, mas como mesmo afirmou o interlocutor, sua mãe participava da maioria das atividades coletivas que aconteciam na comunidade Marinheiro. Além disso, foi aos 22 anos que o entrevistado chegou para morar na Comunidade Marinheiro, após ser expulso de casa por sua mãe, e, ao chegar no território, afirma que construiu uma pequena casa, até se casar e constituir família, que também necessitou de mais terras para viver.

O ponto espacial central da comunidade, nesse tempo, foi o salão de Terecô construído ao lado da casa de José Rosa, com espaço para gira, e um altar, composto de uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima. O Terecô se tornou a religião oficial do local e possibilitou um dos primeiros processos de territorialização da comunidade a partir de uma perspectiva religiosa.

O Terecô é uma religião que surgiu na região da cidade de Codó no Maranhão e se constitui pelo culto de voduns africanos, entidades das matas, como caboclos e encantados comandados pela entidade Léguas Bogi Boá e/ou Bárbara Soeira, mas “nos últimos anos muitos terreiros de Codó têm introduzido no Terecô tradicional (na “Mata Pura” ou na “Mata Virgem”) elementos da Umbanda e da Quimbanda, passando a cultuar Exu e Pombagira, e do Candomblé” (FERRETTI, 2003, p. 2).

Para um morador, neto dos fundadores, que já vive há quase 50 anos na comunidade, diz que o Terecô realizado na comunidade era de

*“[...] linha branca realizada pelos encantados, os encantados é que nem os santos, os santos não santificam a pessoa viu, os encantados também santificam a pessoa viu [...] o terecô era o curador a gente ia lá para um terecô a gente ia pra cá, chegasse tivesse doente, eles iam ensinar o remédio pra gente ficar bom, raízes de pau, casca de pau e a gente fazia e ficava bonzinho, aí eles rezavam na gente”.*

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



José Rosa era o dono do Salão de Terecô, mas quem comandava toda a ritualística era uma de suas filhas. Essas práticas religiosas precisam de espaços sagrados para a realização de seus ritos, assim, vários pontos do território da Comunidade Marinheiro deveria ter esse caráter sagrado e ritualístico, bem como, lugares profanos e mundanos. Essa forma de territorialização é determinado para o uso do espaço físico em que se vive, haja vista, em certas ocasiões pode-se ter restrições de onde se pode ou não estar.

Nesse caso, a primeira organização política observada na comunidade é pautada em pelo menos duas dimensões, a família e a religião. Essas duas dimensões, como foi exposto no tópico anterior, são entrelaçadas por fazerem parte do único sistema de parentesco, oriundo do casal negro que fundou a Comunidade Marinheiro, Zé Rosa e Isabel Maria. As relações de poder se estabeleciam, principalmente, por essa hierarquia constituída pelo sistema de parentesco e linhagem, ficando assim, o poder de tomada de decisões com Zé Rosa.

Na Comunidade Marinheiro, havia duas lideranças políticas que regiam as atividades do Salão de Terecô: Zé Rosa e uma de suas filhas. Zé Rosa, de acordo com um dos moradores entrevistados, tinha o poder de tomar decisão dentro do salão porque ele que tinha construído e era o dono da terra, já que, afirma o morador, quem mandava e organizava todas as relações que aconteciam no salão era uma de suas filhas.

Essas lideranças, cada uma com sua função, comandavam parte da vida social dos moradores, e eram importantes agentes de união entre os membros da comunidade e, sobretudo, eram lideranças, que conectavam várias comunidades em torno das atividades religiosas do Terecô, especialmente, atrás de cura para enfermidades.

No entanto, nos anos 60, a comunidade Marinheiro, por conta da prática religiosa do Terecô sofreu violento massacre por parte das autoridades influentes junto ao Estado. Esse ato repressivo é estritamente político, pois a religião da maior parte dos brasileiros é a religião católica, mesmo ela não estando mais atrelada ao Estado, ainda tem forte influência nas pessoas que estão nas instituições estatais. Essa revolta demonstrou mais uma vez que o Estado brasileiro não tolera qualquer tipo

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



de organização negra no país, inclusive a religiosa. Assim, após essa revolta, o salão de Terecô foi fechado e os rituais são praticados pelos moradores apenas em suas residências. Na atualidade, os moradores da Comunidade Quilombola Marinheiro, que ainda participam do Terecô, são membros de um Salão que fica em outra comunidade próxima.

As manifestações culturais existentes na comunidade estão sendo exaltadas no Encontro Cultural Quilombola, que acontece todos os anos na comunidade. Nos anos de 2021 e 2022 realizaram-se o III e IV Encontro, já no espaço construído para a sede da Associação dos Trabalhadores(as) Rurais do Quilombo Marinheiro com a participação da comunidade local, de outros quilombos do município, autoridades, estudantes, pesquisadores e demais interessados. Importante ressaltar, que a dança no Marinheiro, seja o Reisado, danças afro-brasileiras, Umbanda e o Terecô são manifestações que marcam a identidade cultural local.

## 4 A CONFIGURAÇÃO DO QUILOMBO MARINHEIRO E O DESENHO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Em cada contexto histórico no Brasil, a comunidade negra remanescente vem passando, por violações de direitos, acentuadas pelo descaso do poder público, favorecendo assim, um contínuo processo de expulsão e de destaque da situação de vulnerabilidade dos quilombolas.

A história deste grupo, de luta e resistência negra, tem sido a marca da trajetória do quilombo Marinheiro sendo preservada pela oralidade. O processo de regularização da terra quilombola Marinheiro por parte do INCRA foi transferido para a responsabilidade do Instituto de Terras do Piauí - INTERPI, que, no dia 08 de setembro do ano de 2021, entregou o título coletivo e definitivo das terras da Comunidade Quilombola Marinheiro, sendo promulgado no dia 29 de setembro de 2021, no diário oficial do Estado do Piauí a regulamentação das terras da referida comunidade.

A área protegida é 208.145 hectares o que não corresponde a área total que os membros da comunidade dizem que fazem parte do território do Quilombo

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Marinheiro, pois a luta continua com a reivindicação de duas áreas conhecidas como Olho D'Água e Fazendinha, reconhecidas por eles como território ancestral. Mesmo com essa demanda por mais terra, essa regularização das terras da Comunidade Marinheiro, por parte do Estado do Piauí, é uma vitória nesse constante enfrentamento contra um sistema predatório que é o sistema capitalista.

Entretanto, a efetividade da lei e a igualdade no gozo dos direitos fundamentais pela população negra é algo historicamente inconsistente. Muitas comunidades como a de Marinheiro (ainda) lutam por acesso aos direitos humanos, que têm sido negligenciados por exclusão social e, diante dessas implicações étnico-raciais que desfavorecem as comunidades de remanescentes, acende o debate sobre o reconhecimento de direito e a consolidação de políticas públicas de Estado para territórios quilombolas.

Isto é, a implementação de políticas públicas mais efetivas que auxiliem e favoreçam a permanência dessas famílias na terra, o acesso à educação, saúde, serviços e benefícios socioassistenciais, qualidade de vida, desenvolvimento dos territórios e inclusão produtiva, tem eminente importância para o pleno exercício da cidadania desse segmento social que há muito padece.

De acordo com seus moradores, ainda falta muitas coisas a serem melhoradas na comunidade, como, por exemplo, os serviços de educação, que conta apenas com uma unidade de ensino fundamental e a saúde, que não conta com a atenção básica de saúde. Com relação a Unidade Básica de Saúde na comunidade, no ano eleitoral de 2022, a gestão municipal aluguel uma sala de um morador local para atendimento médico, porém, esse profissional veio ao quilombo Marinheiro, de 15 a 15 dias ou de mês em mês, somente enquanto durou a campanha eleitoral. Passado esse período, os atendimentos deixaram de acontecer.

A saúde é precária, com a inexistência de uma Unidade Básica de Saúde- UBS dentro da comunidade de forma efetiva. Para receber algum atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) os moradores do quilombo remanescente Marinheiro devem enfrentar longos percursos, 36 km, até chegar na sede do município, para receber algum atendimento básico, nas UBS de Piripiri, na sede urbana ou na zona rural, nas localidades Veredas do Zezinhos e Várzea. Para além disso, as famílias ainda

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



recorrem ao município de Capitão de Campos, que dista somente a 09 km da comunidade e, mesmo sendo o SUS um sistema universal no atendimento, relatam algumas dificuldades no atendimento em outro município.

A educação, também é algo que dificulta o desenvolvimento de uma coletividade, pela falta de unidades escolares mais avançadas, existindo na comunidade, apenas uma unidade escolar da Educação Infantil e Ensino Fundamental – 1º ao 4º ano. Nesse sentido, as pessoas que desejam cursar o ensino básico e/ou acessar o ensino superior, devem deixar o quilombo Marinheiro e se dirigir para outras localidades, da mesma forma como acontece na saúde, como já foi explicitado anteriormente.

O Quilombo Marinheiro ainda é assolado pela falta de investimentos em políticas públicas efetivas para o fornecimento de serviços básicos para a população, mas, a luta e resistência dessa comunidade perdura ao longo dos anos, e assim, como todas as outras comunidades quilombolas, preservam a cultura e tradição afro-brasileira.

Todas essas dificuldades relacionadas ocasionam uma questão que não é peculiar a Comunidade Quilombola Marinheiro, mas a várias comunidades quilombolas urbanas e/ou rurais, que diz respeito ao êxodo rural. Como foi exposto, a agricultura familiar, a pecuária e o extrativismo são as grandes forças econômicas da comunidade em questão. Contudo, segundo os moradores locais, essas atividades só servem para a sobrevivência e dificulta a compra de materiais mais caros, como tijolos, televisão, moto, roupas etc.

Por muito tempo as pessoas da comunidade trabalharam “pagando renda”, ou seja, trabalhando para grandes proprietários de terras locais, entretanto, os relatos demonstram que esses trabalhos eram muito pesados e pouco remunerados, sendo comparados pelos moradores da comunidade como um trabalho análogo ao trabalho escravo. Os moradores da Comunidade eram chamados pelos antigos donos da fazendinha, seus patrões, de “meus negros”, o que remete ao ideal escravagista.

Por isso, de acordo com os quilombolas, muitos moradores locais deixam a comunidade para morar por período indeterminados, podendo ser de 6 meses a mais

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



de 2 anos, em outras regiões do Estado ou do país, como Teresina, Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro, como fica claro nessa passagem.

As únicas políticas públicas existentes na comunidade dizem respeito ao novo Bolsa Família e a aposentadoria como trabalhador(a) rural, que foi possibilitado pela posse definitiva da terra, proporcionada pelo INTERPI.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que um grupo étnico se constitui a partir do momento que um grupo de indivíduos se organiza e começa a usar da identidade construtiva para se autodefinir e diferenciar dos outros grupos étnicos. Essa organização marca diferentes formas de territorialidades que podem ser investigadas a partir da nova cartografia social, que por sua vez pode ser utilizada como um instrumento a serviço e que fortalece as políticas públicas, uma vez que possibilita através de informações geográficas úteis se voltar para tomadas de decisões no campo do planejamento e organização do território quilombola, nos aspectos políticos, econômicos e sociais, mas, sobretudo, preservando o patrimônio material e imaterial do grupo que ali se sociabiliza.

Percebeu-se que na Comunidade Quilombola Marinheiro os marcadores identitários foram se constituindo a partir de um casal emblemático que marca o início da comunidade e é o ponto mais distante da ancestralidade local. A religiosidade que compôs o cenário da vida social da comunidade é de origem afro-brasileira, denominada de Terecô.

A repressão estatal, denominada pelos moradores de revolta, pois fim aos rituais coletivos dessa religiosidade e pôs medo em toda a comunidade. Entretanto, os moradores do Quilombo Marinheiro resistiram e se organizaram politicamente, podendo ter acesso a alguns direitos básicos que todo cidadão brasileiro deve ter.

Um desses direitos conquistados foi a titulação coletiva definitiva de suas terras, que foi realizada pelo INTERPI, em 2021, mas, mesmo com essa conquista, a comunidade ainda sofre com a falta de políticas públicas na área da educação, saúde, assistência social, economia, cultura/lazer, cidadania dentre outras.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **Mapas e museus: uma nova cartografia social** Cienc. Cult. vol.70 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2018.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Contracapa Livraria, Rio de Janeiro, 1969.

COSTA; GORAYEB; PAULINO; SALES; SILVA, **Cartografia social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. V CBEAGT, 2016.

CRAMPTON, J; KRYGIER, J. **Uma introdução à cartografia crítica** In ACSELRAD, H. (Org.) Cartografias Sociais e Território Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento. Urbano e Regional. III. Série. CDD 301.168 páginas.

FERRETTI, M. **Formas sincréticas das religiões afro-americanas: o terecô de codô (ma)**. UFMA em Cadernos de Pesquisa. São Luís. 14, n.2, jul./dez. 2003.

NETO, F; PAULINO, P; RINEIRO, A. **A Cartografia social como instrumento de especialização dos conflitos territoriais no campo: O caso da região da chapada – APODIN/RN**. Revista Educação Ambiental, UFRG, 2016.

OLIVEIRA, R. **Identidade Étnica, identificação e manipulação** In OLIVEIRA, R. Identidade, etnia e estrutura social. Pioneira, São Paulo, 1976.

SILVA, A.E.F. & CARNEIRO, L.O. **Reflexões sobre o Processo de Ressemantização do Conceito de Quilombo**. Revista de Geografia - PPGeo - UFJF. Juiz de Fora, 2016.

URSINI, L. **Território Quilombola Marinheiro: Relatório histórico social e de consulta prévia à titulação coletiva**. INTERP/Banco mundial, 2021.

### PROMOÇÃO



### APOIO

